

"O CRISTÃO E O PODER"

- Testemunho de R.L.P.
- Revista portuguesa
"COMUNICAR" nº 3
- P.º Peter Stilwell



ABRIL '84

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

*Ambassadeur du Portugal
auprès de l'Unesco*

Fundação Cuidar o Futuro

"O cristão e o poder" - Testemunho de Maria de Lourdes Pintasilgo

1. Não distingo nos empenhamentos que atravessam a minha vida o que é matéria "profana" ou "temporal" - como nos habituá- mos a dizer na teologia do laicado - e o que é matéria de Fé. Não faz, por isso, parte da minha experiência uma prática que se- ria toda ela segundo a lógica de uma actividade temporal e que fosse interpelada, de fora, pela Fé. Habitada pela Fé, é nela que encontro motivação, estímulo imediato e finalidade última para a prática que assumo em diferentes momentos da minha vida.

Aceitei exercer funções políticas desde 1969, ^{Ficou} como cristã que sou, na exigência de uma convicção que tem necessaria- mente a ver com a presença de Jesus Cristo na minha vida e na se- quência de um empenhamento social e cultural que ~~tem~~ ^{teve} a sua origem ~~factual directa~~ nos movimentos eclesiais em que tenho vivido, de forma directa, a minha pertença de Igreja - a JUCF, a Pax Romana, o Graal.

Reconheço que o meu código ético-político, modelado pela ~~minha~~ vivência cristã, diverge em muitos aspectos dos cón- digos e práticas políticas dominantes. O essencial dessa diferença situa-se ^{Fundação, e Cuidar o Futuro} a não ser, e cada vez com mais nitidez, no facto de qua, na conduta política, não abduco de nenhum dos valores que me guiam enquanto pessoa. Disse-o publicamente na Assembleia da República; ~~em resposta aos deputados que tinham procurado fazer uma distinção entre a minha pessoa e o meu comportamento político:~~ "Se julgam, com bitolas diferentes, na mesma pessoa, o ser hu- mano e o político, eu, pela minha parte, em todo o comportamen- to humano, analiso a componente política, e, em todo o político, aprecio o homem. No dia em que um esconder o outro, o mundo ^{será} ~~ter-se-á~~ transformado num mero jogo entre máscaras e não ^{será} ~~entre~~ pessoas".

Houve, pois, divergência de códigos ético-políticos no exercício do poder político. Mas tive de constatar - como, de resto, já o fizera no mundo científico e técnico - que não era a divisão cristãos/não-cristãos que estava em causa, Sem mesmo

.../...





.../...

falar do cristianismo "implícito", tão caro a Rahner, acentuarei que aquilo de que nos damos conta nas várias tarefas exigidas pelo "estar no mundo" é ~~que~~ ^{que} vivemos, de facto, numa "Igreja-do-limiar", como ~~o Padre~~ Congar gosta de dizer. Somos todos, cristãos e não-cristãos, que um mesmo Espírito move, Povo de Deus no limiar do Seu Templo, todos catecúmenos ~~vivendo~~ ^{a aproximação nos dos} sobre baptismo...

Há, por vezes, a ideia ingénua em certos meios de Igreja ~~de que~~ de que a actividade política, porque se situa numa zona do poder, leva a compromissos e a "sujar as mãos". Ora, o que me parece importante reconhecer é que toda a actividade, qualquer que ela seja, participa desse manejar do poder e do que isso acarreta. ^{Por} não é poder a forma como os funcionários atendem e servem as pessoas nos vários serviços públicos? Não é poder a actividade dos advogados usando a palavra para construir verdades? Não é poder a atitude dos professores face aos alunos? Não é poder as decisões ~~económicas~~ dos gestores de empresas conduzindo a economia e a dos engenheiros que, pelas escolhas técnicas que fazem, determinam o estílo de vida do país? ~~E etc, etc.~~

O que reafirmo aqui é que a Fé se inscreve no tecido historico-cultural em que nos movemos. ~~Nesse sentido,~~ ^{Fundação Cuidar o Futuro} a minha experiência política e, em particular, a da chefia do Governo, levou-me a experimentar de novo - e como que em situação-limite, - que a Fé em Jesus Cristo se aprofunda ~~através~~ ^{através} das experiências humanas que vamos vivendo.

Neste contexto, fui levada a reconhecer com mais profundidade e agudeza, que a Fé, embora não se esgote na moral, cria em nós uma ética própria, à medida que, ~~vamos sendo~~ ^{vamos sendo} mais tomados pela moção do Espírito e pela leitura atenta dos sinais dos tempos, ~~vamos caminhando para uma maior integração de~~ ^{toda a nossa existência.}

At o mesmo tempo, tenho que afirmar que a Fé se situa num para-além de todas as experiências, por mais intensas q sejam. É que o aprofundamento da Fé a que uma experiência concreta nos leva - e, em particular, a do exercício do poder governativo, com a carga evidente de factores aleatórios q traz consigo ~~o~~ toca o Mistério e ultrapassa, em muito, as boas ou más ~~ações~~ ^{ações} decisões que tenhamos ~~tomado~~ ^{tomado} para ir ^{nos} ao encontro dos problemas do nosso próxi

.../...



.../...

2. Recebi um grande apoio de várias comunidades cristãs) e que se enquadram em duas famílias espirituais dentro da Igreja: por um lado, comunidades religiosas ^{que vivem} o primado da oração na sua expressão da Fé, e, por outro lado, comunidades cristãs empenhadas explicitamente no serviço do Evangelho quer através duma acção directamente social quer através da

actividade intelectual. Uma e outras, sem sequer precisarem de analisar em pormenor a actividade governativa que realizei, sentiram-se pessoalmente envolvidas na minha própria tarefa. Para essas comunidades, todo um passado de mais de 25 anos de militância cristã, ~~levo~~ levou-as a esperar que a ^{minha} acção governativa ajudasse a criar estruturas por onde passassem ^{com clareza} mais

os valores de justiça e de fraternidade a que o Evangelho nos chama. Assim se exprimiu o Irmão Roger, prior de Taizé:

"Engagéé comme vous l'êtes, ceux qui vous aiment ont besoin de dire leur gratitude à Dieu. Vous ouvrirez encore des chemins. Nous tous nous souhaitons les aplanir, ce sont les chemins du Seigneur."

Fundação Cuidar o Futuro

É certo que houve casos isolados de católicos que, talvez por terem pouca experiência das exigências postas no domínio da acção política pelo espírito conciliar e pelas grandes encíclicas "Pacem in terris" ou "Populorum progressio", não exprimiram qualquer apoio ou até se deixaram conduzir pela imprensa de propaganda ^{ideológica}.

O que me preocupa na vida da Igreja do nosso país não é a dor que pode causar a qualquer católico em funções governativas o alheamento e às vezes a hostilidade ^{que vem a encontrar em} ~~do certos~~ cristãos.

O que me preocupa é que ^{há} comunidades cristãs impedidas de compreender o que significa para a ^{missão da Igreja,} o exercício do poder político por um de nós, ~~o que tal facto pode significar~~. E que dêem um contra-sinal da unidade necessária "para que o mundo acredite".

.../...



.../...
É claro que esta unidade comporta um pluralismo de opiniões e de opções políticas. O que escrevi em 1970 no Boletim "Igreja em Diálogo", do Graal, explicita (talvez intuitivamente) o que a experiência do exercício do poder político viria confirmar: "Não parece correcto falar-se hoje de "posição da Igreja" em matéria política. Aqui, como em outros sectores da actividade humana, a Igreja respeita o princípio de incerteza justificador da coexistência de soluções técnicas diversas. Reconhece um pluralismo político que se apresenta com a força dos factos. (...) Assim ganha maior evidência a afirmação tantas vezes esquecida: a Fé não fundamenta uma opção política particular nem poderá encontrar-se no Evangelho a justificação de uma prática concreta.

Não está, porém a Igreja alheada da realidade política. A Fé dos cristãos e o Evangelho que os guia não dão soluções feitas, mas apontam para valores que a Igreja tem necessariamente que procurar viver e comunicar.

A Igreja como comunidade de crentes terá de proclamar a libertação do homem e o amor fraterno, recusando, em nome do Evangelho, toda e qualquer solução que marginalize um grupo de homens. Nesta proclamação e nesta recusa, a Igreja aparece como um novo "poder"- torna-se uma força de denúncia das situações que oprimem o homem e geram o ódio ou a indiferença por outros homens; aparece como lugar de valores que legitimam a denúncia, como anúncio da força de amor libertador do Evangelho.

Nesta mudança radical de óptica, o cristão passa a ser o "lugar" da acção política em que se explicita o Evangelho. Esta autonomia fundamental de cada cristão, que é uma evidência em qualquer outro sector da vida social, é uma exigência posta na vida de cada um face à sociedade política e à sua organização."

Julgo assim que teria sido justo receber da comunidade cristã sinais visíveis de que, embora em situação diferente dos meus irmãos e irmãs na Fé, era reconhecida como partilhando com eles "a assiduidade ao ensino dos apóstolos, a fidelidade à comunhão fraterna, à fração do pão e à oração."